

**A DUALIDADE DA ALMA E O ESPÍRITO ABSOLUTO: UMA ANÁLISE DA CONEXÃO ENTRE A OBRA O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS E O CONCEITO DE LIBERDADE DE ESPÍRITO NA FILOSOFIA DE HEGEL**

**THE DUALITY OF THE SOUL AND THE ABSOLUTE SPIRIT: AN ANALYSIS OF THE CONNECTION BETWEEN MACHADO DE ASSIS' WORK THE MIRROR AND THE CONCEPT OF FREEDOM OF SPIRIT IN HEGEL'S PHILOSOPHY**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.018-027>

**Ricardo de Moura Borges**

Mestrando em Filosofia (Prof-Filo) pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Especialista em Filosofia pela Estácio de Sá. Graduado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí ( ICESPI ). Professor de filosofia com vínculo celetista do CETI Pedro Evangelista Caminha. Professor com vínculo celetista do Instituto Federal do Piauí - IFPI no campus de Paulistana-PI.

**RESUMO**

O presente artigo traz uma discussão sobre o conhecimento de si, do outro e do mundo por meio da filosofia de Hegel a partir da análise do conto machadiano "O Espelho". Machado de Assis nessa obra vislumbra a possibilidade da existência de duas almas, uma interior e outra exterior. Ele faz uma análise do comportamento humano, afirmando que alma externa, aquela que seria o nosso status social, nossa imagem perante a sociedade seria mais importante do que a nossa alma interior, que corresponderia a nosso verdadeiro eu, a nossa personalidade. Por sua vez, a Filosofia Hegel valoriza o todo, todas as representações que constituem o Todo, o Absoluto. Para Hegel, a alma seria o universal na forma da contemplação e da pura reflexão sobre si mesma. Dessa forma, esse trabalho nos permite o emprego da literatura, enquanto expressão do espírito do homem, em uma abordagem filosófica, pois a filosofia de Hegel assenta aos propósitos do espírito, por meio de suas múltiplas representações sobre a vida. Pelo que encontramos um elo entre a obra O espelho e a filosofia do espírito de Hegel, vez que a alma subjetiva compreende os interesses mais profundos, as verdades mais abrangentes do espírito (HEGEL, 2001).

**Palavras-chave:** Conhecimento de si; Espírito absoluto; Subjetivo e objetivo; O Espelho.

**ABSTRACT**

This article discusses self-knowledge, knowledge of others, and knowledge of the world through Hegel's philosophy, based on an analysis of Machado de Assis's short story "The Mirror." In this work, Machado de Assis envisions the possibility of the existence of two souls, an inner and an outer one. He analyzes human behavior, asserting that the external soul, which represents our social status and our image before society, is more important than our inner soul, which corresponds to our true self, our personality. In turn, Hegel's philosophy values the whole, all the representations that constitute the Whole, the Absolute. For Hegel, the soul is the universal in the form of contemplation and pure reflection upon itself. Thus, this work allows us to employ literature, as an expression of the human spirit, in a philosophical approach, since Hegel's philosophy is based on the purposes of the spirit, through its multiple representations of life. Therefore, we find a link between the work The Mirror and Hegel's philosophy of spirit, since the subjective soul encompasses the deepest interests, the most comprehensive truths of the spirit (HEGEL, 2001).

**Keywords:** Self-knowledge; Absolute spirit; Subjective and objective; The Mirror.



## 1 INTRODUÇÃO

O conto “O Espelho” de Machado de Assis explora a relação entre a percepção e a realidade, refletindo aspectos da filosofia hegeliana do espírito absoluto. Hegel concebe o espírito absoluto como a culminância do desenvolvimento da consciência, que integra e transcende as contradições da alma. No conto machadiano, a imagem distorcida de Jacobina no espelho simboliza a alienação e a fragmentação da identidade, refletindo a dificuldade de alcançar uma compreensão pela e integral de si mesmo. Machado de Assis, assim, em sua obra ilustra a jornada dialética da consciência em direção ao conhecimento absoluto, no qual a percepção e a realidade se reconciliam em um todo coeso, inteiro, ecoando a ideia hegeliana de que a autocompreensão e a realidade final emergem da resolução das contradições internas.

Em uma sociedade contemporânea marcada pela fragmentação do sujeito, pelo materialismo, pelo individualismo no qual desempenhamos vários papéis sociais fragmentados, somos constantemente direcionados a contemplarmos uma estética não da existência no sentido filosófico, reflexivo, propositivo; mas sim, uma estética da aparência, marcada pelo corpo que segue determinado padrão estético, não necessariamente visando a saúde, mas a aparência, pelo fragmentado conhecimento de si. Conhecemos o outro fragmentado, preso, engessado e manipulado pelos padrões das redes sociais, pela pseudo ideia de colaboradores de empresas, e por uma educação que visa atender aos desejos de mercado, ou seja, o consumo.

Nos perguntamos se existe espaço para a reflexão filosófica a partir do idealismo alemão, ou seja, um direcionamento reflexivo a partir do todo, para compreendermos o sujeito.

Diante destas inquietações, buscamos um diálogo reflexivo entre o conto O Espelho de Machado de Assis, como porta de entrada para o pensamento do sistema filosófico de Hegel no qual vamos nos debruçar sobre os seus conceitos de Espírito Absoluto, Espírito subjetivo e Espírito Objetivo, tendo como norte a compreensão do todo, em prol da liberdade.

Desta maneira, o presente artigo está organizado da seguinte forma. Em um primeiro momento iremos analisar em linhas gerais o conto O Espelho de Machado de Assis, problematizando-o e destacando as possibilidades de diálogo com a filosofia hegeliana.

Numa etapa seguinte, a partir da relação entre o personagem Jacobina de Machado de Assis, veremos como Hegel busca compreender a realidade em que está envolvido, tendo em vista o conceito de Espírito absoluto, que ele desenvolve a partir da dialética entre o espírito subjetivo e objetivo. No terceiro momento iremos destacar como a filosofia de Hegel visa compreender o todo; a manifestação do espírito tem um propósito e o comprehende como absoluto, daí destacamos a importância do espírito objetivo para entendermos como este está presente no espírito subjetivo.

Em seguida, iremos refletir sobre a existência de si, a qual se manifesta e se absolutiza a partir da sua essência, ou seja, da liberdade, que é o grande objetivo de explicação da filosofia de Hegel.



Demonstraremos como o espírito objetivo, a filosofia em Hegel nada mais é do que a necessidade de explicar o real, ou seja, o mundo que nos circunda.

Por fim, concluiremos, demonstrando a necessidade de estudarmos o pensamento hegeliano, tendo como base obras literárias, tais como *O Espelho de Machado de Assis*, que possui um arcabouço interessante para pensarmos a nossa existência a partir da alma cindida em duas (exterior e interior), relacionando-a com o conceito de Espírito absoluto e de seu processo dialético em que se manifestam o espírito subjetivo e objetivo que tem por finalidade a liberdade.

## 2 PENSAR O ESPÍRITO: UMA BREVE ANÁLISE DO CONTO O ESPELHO

No conto *O Espelho* de Machado de Assis, o conceito de “espírito” pode ser explorado a partir de várias perspectivas, especialmente no que diz respeito à consciência de si mesmo, identidade e reflexão existencial. O espelho revela não apenas a aparência física, mas também uma reflexão sobre o estado interior do indivíduo. Isso alude ao espírito como uma dimensão de consciência e autoanálise. O confronto com o espelho força o protagonista a questionar sua verdadeira identidade e o valor das suas experiências e decisões.

O espírito, no sentido de consciência e percepção, está em crise quando há uma discrepância entre a autoimagem idealizada e a realidade. O protagonista do conto experimenta uma crise de identidade ao perceber que sua imagem no espelho não corresponde à sua autoimagem interior. Esse descompasso entre aparência e realidade pode ser visto como um reflexo da luta interna do espírito para reconciliar a percepção externa com a realidade interna.

Podemos resumir o conto *O Espelho* da seguinte forma: Havia cinco pessoas conversando em uma sala pouco iluminada, o número se confunde, pois na verdade quatro estavam falando sobre assuntos metafísicos. De início poderíamos dizer que Hegel se aproximaria dos quatro sujeitos, pois falar de metafísica, em um primeiro momento, seria falar de idealismo, mas enganam-se aqueles que pensam assim.

O quinto personagem, de nome Jacobina, assume o centro do conto, pois destaca que existem duas almas no ser humano, uma externa e outra interna. Vejamos:

Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência (Machado de Assis, p.2);



Para fundamentar seu argumento, Jacobina continua asseverando que quando era jovem, lá pelos seus vinte e cinco anos de idade passou por uma situação peculiar que a fez chegar a esta conclusão de duas almas a partir de uma experiência em sua vida. Foi justamente quando recebeu a patente de alferes<sup>1</sup>. Nesta ocasião a visão de mundo de Jacobina muda, pois todos começam a vê-lo não pelo que ele é, o eu em si, o espírito subjetivo, mas sim por aquilo em que a sociedade lhe imputou como encargo, ou seja, todos o viam com um alferes. Inclusive a sua tia Marcolina.

Poderíamos pensar sobre as diversas atribuições que nos são dadas em nossa existência, tais como: o senhor é professor de filosofia, é pai, é filho, é aluno do mestrado profissional em filosofia, é doutor em filosofia, ou seja, existe uma alma externa fora de mim que dita o que sou, sendo que aquilo que sou se objetiva a partir da percepção das outras pessoas (almas) que me classificam como: “o alferes”, “o professor”, “aluno de mestrado”, etc.

Seguindo o itinerário de reflexão sobre a alma, Jacobina depara-se com uma situação inusitada. Sua tia, ao vislumbrar sua situação de novo posto, leva-o para sua casa. E compra um espelho grande, antigo que diz ser do tempo em que a família real veio para o Brasil. E mediante um acontecido essa se ausenta, deixando Jacobina no casarão do interior com os escravos. Eles bajulam Jacobina, e tramam um plano de fuga. Assim, segue o conto:

O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar-se com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados (Machado de Assis, p.4).

A alma interna fica a ensoberbece-se, debilitando-se, com tamanha lisonja diante dos escravos da sociedade, fazendo com que Jacobina não perceba o plano sorrateiro dos escravos de fugirem e de levarem até o cachorro.

O protagonista sente-se estranhamente alheio a si mesmo, uma sensação que pode ser interpretada como uma alienação do espírito. A consciência de sua própria condição e a percepção do desajuste entre sua imagem e seu verdadeiro eu revelam uma crise existencial profunda, típica de uma alienação interna onde o espírito está dividido e confuso.

Sozinho, desolado, Jacobina questiona se deve deixar a casa só e avisar à tia do infortúnio da fuga dos escravos, ou se deve ficar resolvendo, por fim, permanecer onde estava. E com o passar dos dias percebe que a alma interna volta ao seu posto, uma alma carregada pelas inquietações da vida, do eu profundo, do

<sup>1</sup> No dicionário Aurélio on-line encontramos: [Militar] Antigo posto militar, equivalente ao atual de segundo-tenente militar que detém esse posto. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alferes/>



seu ser. Os dias se passam e Jacobina evita o espelho, pois é lá onde bate um certo pavor, contudo, vai até ele, olha-se, percebe-se, e veste a roupa de alferes, e daí surge de novo a alma externa.

O conto termina com os quatro amigos voltando a si, quando Jacobina desce as escadas. Esse processo de voltar a si, é uma peregrinação da alma, que sai de si, encontra-se com o outro e manifesta-se no objetivo.

Assim, a narrativa sugere que o espírito humano pode ser fragmentado e desconectado, especialmente quando a introspecção revela inconsistências e dissonâncias internas. O espelho funciona como um catalisador para essa fragmentação, expondo as tensões entre o desejo de autoconhecimento e a realidade incompleta ou insatisfatória que é revelada.

### **3 O ABSOLUTO É O ESPÍRITO: A RELAÇÃO DO ESPÍRITO SUBJETIVO COM O OBJETIVO**

O conceito de “Espírito” na obra se aproxima da ideia hegeliana de absoluto por meio da reflexão e da introspecção do protagonista. O Espírito, na filosofia de Hegel, é a totalidade do desenvolvimento da consciência, integrando e transcendendo as contradições.

No conto, o protagonista se vê confrontado com a imagem distorcida de si mesmo no espelho, o que revela uma crise de identidade e uma profunda reflexão sobre a realidade e a percepção. Esse espelho que distorce a sua imagem, simboliza a busca pelo entendimento verdadeiro de si mesmo e a consciência de que a identidade é complexa e multifacetada.

Jacobina traz para o cerne da discussão filosófica a questão da alma, que poderíamos falar da manifestação do espírito em duas particularidades, no primeiro momento o espírito subjetivo como esta alma que carrega o desenvolvimento de si, ou a alma interior, o espírito objetivo em que temos o aspecto social, racional do outro que se encontra consigo mesmo, ou seja, é o eu (subjetivo) que se forma a partir daquilo que o meio cultural desenvolve.

Hegel em seu sistema pontua que o espírito se desenvolve em uma situação teleológica, ou seja, o conhecimento do mundo em prol da liberdade se dá por meio de um estranhamento inicial, onde o espírito subjetivo se efetiva a partir do espírito objetivo, sendo que nesta relação dialética temos a existência do espírito absoluto.

Na Enciclopédia das ciências filosóficas III, na filosofia do Espírito, parágrafo terceiro encontramos; “O absoluto é o espírito: esta é a maior definição de absoluto”. Em um primeiro momento podemos pensar que Hegel está na mais alta abstração metafísica ao dizer estas palavras. Contudo, o filósofo quer compreender o mundo, tanto em sua totalidade, quanto na manifestação do Espírito em que ele está presente.



O termo Geist do alemão pode ser traduzido por realidade sociocultural, identidade de sua época, ou seja, o espírito nada mais é do que percebermos a realidade da qual o sujeito se forma a partir da cultura em que está inserido.

Segundo Lima Vaz (1992, p.17) a compreensão de espírito “é a pedra angular do sistema hegeliano”, ou seja, compreender o espírito em sua totalidade é perceber esta junção que se dá entre a realidade material, cultural e os valores que direcionam os sujeitos. O espírito aborda tanto as questões sociais, quanto a consciência, sendo que a essência deste é justamente a liberdade.

Não podemos pensar em algo estático, parado, fixo, mas é o espírito que se desenvolve no percurso da história e da existência, sendo efetivado, com o objetivo de se atingir a liberdade. De acordo com Hegel, o espírito é “o existente para si que tem a si mesmo por objeto” (1995[c], p.23, 1970, p.26). E sua finalidade é atingir a sua essência, ou seja, a liberdade.

O espírito absoluto contém ao mesmo tempo o espírito subjetivo e o objetivo, tendo em vista que estão em constante ação dialética, ou seja, em um eterno movimento. Segundo Hegel (1995 [c], p.29, 1970[c], p.32, temos o espírito em seu desenvolvimento:

I - É espírito subjetivo, na forma da relação a si mesmo - é-lhe dentro dele a totalidade ideial da ideia, isto é, o que seu conceito é, será para ele este lhe é seu ser consigo, isso é, ser livre.

II - É espírito objetivo, na forma da realidade enquanto um mundo produzido e a produzir a partir dele, no qual a liberdade é como necessidade presente.

III - É o espírito absoluto no em-si e para-si existente e eterno produzir-se da unidade da objetividade do espírito e sua totalidade ou seu conceito, o espírito em sua absoluta verdade (Hegel, 1995, p.32).

No conto *O Espelho* percebemos esta movimentação do espírito, em que temos cinco personagens carregados imersos em um diálogo, ou seja, seus espíritos subjetivos carregavam a ideia de alma, já manifestaram em sua existência o espírito objetivo, sendo que cada um deles foi formado por uma determinada cultura, falavam uma linguagem, vestiam-se de determinada forma, contudo, seu modo de pensar foi sendo transformado, problematizado e questionado pela reflexão sobre a alma interior (subjetiva) e a existência da alma exterior (objetiva). A unidade destes dois espíritos (subjetivo e objetivo) se dá por meio da manifestação do espírito absoluto.

Logo, o pensar o “Espírito” no conto reflete a tentativa de alcançar um entendimento absoluto da própria identidade, em que o “Eu” se confronta com suas próprias contradições e limitações. Através dessa experiência, o protagonista busca a reconciliação entre sua percepção e realidade objetiva, o que ecoa a jornada do espírito absoluto hegeliano: a realização de uma consciência plena que supera as aparências e as contradições para alcançar uma verdade mais profunda e integrada.

Esboçamos que a ideia de dialética em Hegel se dá justamente pela unidade dos opostos, sendo que o todo está sempre em movimento. Por exemplo, quando pensamos em uma escada, ela serve para duas ações contrárias, que é subir e descer, a mesma aplica-se à questão do movimento. Portanto, esta forma



didática de pensarmos uma diferença estática entre espírito subjetivo e objetivo não pode ser pensada de forma única, estática, parada. Como salienta Hegel, ao dizer que “a diferença entre espírito subjetivo e espírito objetivo não deve ser, pois, ser vista como uma diferença estática” (Hegel, 1995 [c], p.38, 1970 [c], p.39), a partir de um movimento, de um pensar de transição entre o espírito subjetivo para o objetivo, dar-se-á por meio de um movimento constante.

É pensarmos, por exemplo, na transformação de mentalidade entre os personagens sem nome, que ao ouvirem Jacobina, entraram no fim do conto em um estado de transe, de pensamento profundo, ou seja, houve um movimento dialético, uma transição, sendo que esta não é estática, finita e acabada, mas aponta para uma nova forma de pensar sobre a existência.

### 3.1 O ESPÍRITO OBJETIVO COMO DESENVOLVIMENTO DO ESPÍRITO

O espírito em sua dimensão objetiva, se dá a partir do momento que o espírito subjetivo exerce algo por meio da vontade, ou seja, se dá o processo de objetividade. Essa efetividade se manifesta por meio do conceito, sendo assim a passagem para a dimensão objetiva. No conto machadiano, percebemos esta subjetividade expressa em Jacobina, que é retraído, pouco fala, e apenas concorda com as coisas. Na apresentação dos personagens temos:

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinqüenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; (Machado de Assis, p.01);

Quando Jacobina começa a exteriorizar o seu pensamento, apresentando um conceito em que existem duas almas, notamos a manifestação do espírito objetivo. No conto é apresentado o mundo ao redor dos personagens, a casa que ficava no morro de Santa Tereza, A fazenda da tia de Jacobina, os espaços sociais da época, sua forma de se vestir, o status social, em que ser alferes era algo de grande importância. Ou seja, temos uma efetividade de uma manifestação que se desenvolve no mundo social. É entender o mundo objetivo por meio de uma teia de relações, comportamentos, em que estão presentes os costumes, a religião, o sistema jurídico, sendo que estas trazem ao ser humano a liberdade.

Hegel aponta que o progresso da História carrega uma finalidade, um sentido, que é a liberdade. Então, o social, suas expressividades, carregam em seu bojo a liberdade do ser humano.

Em nossa sociedade contemporânea, fica evidente, por meio de um pensamento apressado em nossas mentes, que essas regras e comportamentos sociais seriam uma forma de nos aprisionar em uma realidade da qual não poderíamos utilizar a liberdade, contudo, Hegel pontua que é justamente o contrário, ou seja, por meio da sociedade, das leis, regras, instituições que podemos desenvolver nossas habilidades,



potencialidades, e portanto, em um conjunto de manifestação do espírito absoluto, a liberdade vai expressando-se cada vez mais, de acordo com o seu contexto histórico.

Assim, em Hegel entendemos que as instituições sociais e os costumes mostram-se como compositores da objetividade do espírito, sendo que estas teias de relações se apresentam como necessárias como expressão da efetividade da liberdade. Imaginemos, por exemplo, como seria difícil escrever este texto, ou haver uma compreensão de mundo a partir das ideias de Jacobina se os autores fossem desprovidos de um ensino, quer seja formal (escola, universidade, etc), não formal (família, amigos, relações sociais fora dos ambientes educacionais). É pensar no exercício da liberdade a partir do composto cultural, organizacional, de um tempo em um determinado momento histórico. O ensino de filosofia leva justamente à liberdade.

As instituições, grupos reconhecem este direito substancial a partir do momento em que existe uma relação. No conto, os amigos respeitando o jeito diferenciado de Jacobina, o escutaram, provocaram, indagaram, mas não partiram para a agressão. Exerceram a liberdade, sendo que a liberdade dos quatro deu-se pelo respeito ao amigo, que era diferente, mas que lhes tinha muito a lhes ensinar.

O tema da liberdade é presente no pensamento de Hegel, sendo que o espírito absoluto vai se manifestando na história a partir das transformações sociais. O filósofo salienta que “é mais fácil amar os filhos do que os educar (Hegel, 2000, p.128, p.85, 1970 [j], p 374), pontuando que a liberdade não é fazer tudo ao acaso, desordenado, mas sim, a partir do aprimoramento da razão, da educação, do espírito. Sendo um processo, em que o espírito subjetivo ao formar-se de forma efetivada por meio do conceito, se objetiva por meio da adaptação a cultura em que está inserido demonstrando capacidade para cumprir os diversos papéis sociais que lhe são dados.

### 3.2 A LIBERDADE COMO A ESSÊNCIA DO ESPÍRITO

A liberdade de espírito é um conceito central na filosofia hegeliana. Em sua obra, a liberdade é entendida não apenas como a capacidade de agir sem restrições externas, mas como a realização do potencial humano em um contexto social e ético. Hegel considera que a verdadeira liberdade é alcançada quando o indivíduo se desenvolve plenamente dentro de uma ordem social e moral, integrando seus desejos e ações na totalidade do Estado e da sociedade.

Para Hegel a liberdade vai se manifestando a cada processo da História, sendo que as civilizações orientais estavam na “infância da história” (Hegel, 1999, p.94, 1970 [f], p.135), pois havia a consciência de que apenas um era livre, ou seja, o déspota. Assim, o espírito subjetivo como expressão de efetividade do conceito, ainda estaria no germe do pensamento.



A própria educação nesse estágio estaria voltada para a manutenção do status quo, ou seja, os futuros imperadores seriam os únicos livres, e era necessário educá-los para esta consciência. Caberia às demais pessoas cumprir à risca os ordenamentos dos imperadores, sendo extremamente fiéis.

Assim, a liberdade pertenceria ao menor número de pessoas, ou seja, a apenas um que manteria toda uma estrutura de poder.

Apenas no mundo grego é que se daria a primeira figura expressa do espírito objetivo, dando-se o mundo ético. Mas o homem grego está vinculado à pólis, ou seja, a sua nação, sendo que sua liberdade, ou suas ações singulares estão restringidas em favor da pólis. A mudança se dá, pois no primeiro caso, na sociedade oriental a vontade está sujeita aos desejos e caprichos do déspota, e na Grécia o governante e os cidadãos estão voltados para um sujeito coletivo, que é a Pólis.

O ethos, costume da cidade que se transforma em uma norma legal, expressando o universal que determina o agir universal. Vale destacar que Hegel (1990 [a], p. 11-12, 1970 [g], p. 408-412) pontua sobre a importância que os sofistas deram a educação, pois foram esses que ao filosofarem sobre a vida na Pólis, distanciaram-se dos filósofos naturalistas e que se voltaram para o pensamento antropológico, assim “os sofistas incluem lições de sabedoria, de ciências em geral, música, matemática e etc.” (Hegel 1990 [a] p.12, 1970 [g], p.410). Assim, os sofistas conseguiram avançar no desenvolvimento do espírito, dando ênfase a meta do Estado é atingir o universal.

O cristianismo também contribui para o desenvolvimento da liberdade, a partir da consciência do universal, no qual o sujeito olha para si mesmo e contempla a possibilidade de ser livre. De acordo com Hegel, “só as nações germânicas, no Cristianismo, tomaram consciência de que o homem é livre como homem, que a liberdade do espírito constitui sua natureza mais intrínseca. Essa consciência desenvolveu-se inicialmente na religião. (Hegel, 1999, p.24, 1970[f], p.31). O espírito se eleva a partir da ideia de uma divindade em um contexto mais universal que abarca o todo.

Por isso, Hegel destaca em seu sistema que existem três formas de abordar o espírito absoluto, sendo a arte, a religião e por fim a filosofia, pois esta abarca o conceito do todo. Assim, em cada particular o filósofo buscava o universal, o seu sistema parte de um denominador comum que é a Ideia, que vem anterior ao universo no sentido lógico, sendo que nossa mente é capaz de explicar, assim, busca uma explicação por meio da razão que é idealista, pois é conceitual, abstrata, refugiando-se na mente e no raciocínio.

Por fim, Hegel pontua o desenvolvimento do espírito em prol da liberdade a partir dos grandes acontecimentos históricos até chegar ao seu tempo de vida. Vem o período da idade moderna, com o Iluminismo, no qual se deu a Revolução Industrial (1760), a Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789).

Vale pontuar que a filosofia kantiana está marcada aos olhos de Hegel, por um ponto de inflexão, ou seja, Kant ao vislumbrar o desenvolvimento das ciências, tais como a física, a química, matemática,



pergunta sobre o que é possível conhecer. Destaca que o conhecimento se dá de forma fragmentada, ou seja, o sujeito não pode conhecer o número, ou seja, o todo, a coisa em si, mas apenas os fenômenos, aquilo que nos aparece por meio dos sentidos. Assim, não haveria mais espaço para a filosofia, sendo esta apenas aplicada no campo moral e ético, ou seja, no campo da metafísica. Hegel combate o pensamento kantiano, destacando que se não podemos conhecer o nímeno, também não poderíamos falar dele. Ou seja, como podemos falar daquilo que não podemos conhecer? Portanto, a filosofia de Hegel é marcada pelo ser é conhecer, ou seja, o desenrolar do espírito em absoluto nada mais é do que conhecer o todo.

Mesmo sobre o ataque de Napoleão em Iena, Hegel comenta: “Eu vi o Imperador, essa alma do mundo, atravessar a cavalo as ruas da cidade... Sentado sobre um cavalo, estende-se sobre o mundo e o domina”.<sup>2</sup> Este trecho da carta de Hegel, aponta um comentário da batalha de Iena onde o filósofo morava, e onde o Sacro Império Germânico que perdurara por mil anos, estava agora em seu fim, por meio das mãos de Napoleão.

Por uma ótica, Hegel deveria justamente ficar contrariado à ação de Napoleão, podendo até mesmo morrer em suas mãos. O filósofo foge um dia antes da batalha com os originais do seu livro *Fenomenologia do Espírito*. O olhar filosófico de Hegel aponta em Napoleão o desenrolar da história, sendo o antigo império a ruir e fornecer as bases para que o desenvolvimento do espírito absoluto que progride com o fim de atingir a liberdade. As instituições, tais como o Estado, desenvolvem esta liberdade no espírito. Assim, o filósofo nos diz:

O Estado enquanto efetividade da vontade substancial, que ele tem na autoconsciência particular elevada à sua universalidade, é o racional em si e para si. Essa unidade substancial é um auto fim imóvel absoluto, em que a liberdade chega a seu direito supremo, assim como esse fim último tem o direito supremo frente aos singulares, cuja obrigação é ser membro do Estado (Hegel, 2010, § 258).

Para Hegel, o estado é dirigido pela razão, e não por interesses privados, particulares e nem pelo interesse da maioria, mas sim por uma ordem racional que prioriza a liberdade de todos.

O que apontamos aqui é que Hegel vê a história em um sentido teleológico, ou seja, tudo tem uma razão de ser, sendo as instituições que vão surgindo, tem este papel de desenvolver o espírito absoluto realizando-se por meio da liberdade. Hegel não é a favor ou incentivador das guerras e mortes, mas pontua que o espírito se desenvolve com uma finalidade.

---

<sup>2</sup> HEGEL, G. W. F. Carta a Niethammer, de 13 de outubro de 1806. In: *Briefe von und an Hegel*. Editado por J. Hoffmeister, vol. 1, Hamburgo: Felix Meiner Verlag GmbH, 1952, p. 120: “Vi o Imperador – essa alma do mundo – deixar a cidade para fazer o reconhecimento das suas tropas; é efetivamente uma sensação maravilhosa ver um tal indivíduo que, concentrado assim em um ponto, montado em seu cavalo, estende-se sobre o mundo e o domina”.



Portanto, Hegel tem uma visão positiva da história, sendo que as revoluções, mudanças de pensamento e sociedades, são necessárias para que haja o desenrolar do espírito absoluto, sendo que o ser humano a cada momento histórico vai atingindo a liberdade.

Assim, o conhecimento de si, por meio do exercício da liberdade se dá no desenvolvimento da história, onde o espírito absoluto (subjetivo e sua efetividade, com o espírito objetivo) encontra-se em um processo contínuo.

O Espelho ao explorar a temática da identidade e da percepção, em seu narrador, um homem idoso e cético, refletindo sobre sua vida e suas escolhas nos remete a uma falta de liberdade do espírito humano. A narrativa revela um jogo entre a realidade e a ilusão, questionando o sentido da identidade e da autoimagem, expondo uma crítica à vaidade e à alienação que representa em si a falta de liberdade “Eu” enquanto reflexo no outro.

Assim, ao refletir sobre o conto, podemos perceber uma cultura que se estabelece em prol de tolher a liberdade do comportamento dos sujeitos, no conceito de política e de filosofia em que os personagens estão inseridos. Podemos pensar que a alma interna de Jacobina está vinculada ao conhecimento de si, mas que se esconde da realidade cultural, no sentido de que é mais valorizado pelo que ele conseguiu ser, ou seja, o alferes.

Para Hegel não há essa cisão de almas, mas sim uma compreensão de que o espírito subjetivo nada mais é do que a efetivação do conceito que se dá na cultura, no espírito objetivo, atingindo o espírito absoluto.

Contudo, para fins didáticos, é necessária essa compreensão a partir do sujeito que quer compreender o outro. A cultura se estabelece no meio cultural por meio de um emprego socialmente bem-quisto, mas que na solidão de seu existir, quando é deixado sozinho na casa, fica diante do espelho e chocar-se com a alma interior. Quem nunca conversou sozinho, como se fossemos esta dualidade constante, assumindo diversos papéis sociais, mas ao abrigar-se diante de um espelho começamos a perceber que existe algo para além da objetividade cultural.

Não podemos descartar a realidade objetiva, pois precisamos dela para desenvolver nossas competências e habilidades. É neste sentido que Hegel valoriza o desenvolver do espírito. Neste aspecto seu pensamento é muito próximo de Aristóteles quando diz que:

Que o homem seja um animal político no mais alto grau do que uma abelha ou qualquer outro animal vivendo num estado gregário, isso é evidente. A natureza, conforme dizemos, não faz nada em vão, e só o homem dentre todos os animais possui a palavra. Assim, enquanto a voz serve apenas para indicar prazer ou sofrimento, e nesse sentido pertence igualmente aos outros animais [...] o discurso serve para exprimir o útil e o prejudicial e, por conseguinte, também o justo e o injusto; pois é próprio do homem perante os outros animais possuir o caráter de ser o único a ter o sentimento do bem e do mal, do justo e o injusto e de outras noções morais, e é a comunidade destes sentimentos que produz a família e a cidade (Aristóteles, 1982, I, 2, 1253 a, 7-12).



O ser humano possui a palavra e pode desenvolver as potencialidades que lhe são próprias por meio do trabalho, do estudo, ou seja, do seu aperfeiçoamento. Para o filósofo o homem se diferencia dos animais, pois este é um ser da Pólis, da cidade, político por natureza, tendo em vista que necessita do outro para conviver, relacionar-se, constituir-se como ser humano.

A palavra é fundamental para que haja este desenvolvimento do ser humano no meio social, pois ele adquire um nome, aprende, cresce, desenvolve-se e torna-se aquilo que deseja ser a partir da cidade.

Podemos pensar as contradições existentes dentro da cidade, como por exemplo, a desigualdade social, a fome, a miséria, a existência de uma escola dual, sendo para ricos permanecerem em um determinado patamar social, contudo, seguindo a lógica de Aristóteles, fica quase que impossível desenvolvermos nossas habilidades e competências fora da pólis, pois é esta que garante os meios mínimos para garantirmos um aperfeiçoamento. Os interiores carregam estas particularidades existentes na cidade grande, possuindo escola, igreja, acesso a internet, estilos musicais, e existe um vislumbre ao perceber que é na cidade que o jovem pode cursar um curso superior, pode se formar em médico, engenheiro, advogado, professor, dentre tantas outras profissões características da cidade.

#### **4 CONEXÕES ENTRE OS CONCEITOS DE LIBERDADE DE ESPÍRITO EM HEGEL E A OBRA O ESPELHO DE MACHADO DE ASSIS**

Reflexão e Autoconhecimento, o conto o espelho serve como um símbolo da introspecção e do autoconhecimento. Hegel argumenta que a liberdade de espírito implica um entendimento profundo de si mesmo e de seu papel na sociedade. Assim, o protagonista de "O Espelho", ao contemplar sua imagem, enfrenta uma crise de identidade que reflete uma falta de conexão com uma realidade maior e uma compreensão mais ampla de sua posição no mundo. A liberdade de espírito, segundo Hegel, é possível apenas quando o indivíduo supera essa alienação e se integra na ordem social.

Ilusão e Realidade, Hegel vê a liberdade como um estado onde o indivíduo reconhece e age em conformidade com a realidade objetiva da sua sociedade. O conto de Machado de Assis explora como as ilusões pessoais podem distorcer nossa percepção da realidade. O protagonista está preso entre a autoimagem ilusória e a realidade de sua vida, o que pode ser visto como um reflexo da falta de liberdade plena e realização pessoal que Hegel descreve.

Desafios da Identidade, Hegel considera que a verdadeira liberdade é alcançada ao reconhecer e integrar os múltiplos aspectos da identidade dentro da estrutura social. O conto revela como a fragmentação da identidade pode levar a uma crise existencial. O protagonista, ao se deparar com a sua própria imagem, percebe a discrepância entre quem ele se imagina ser e quem realmente é, destacando a dificuldade de alcançar uma verdadeira liberdade de espírito sem a integração de todas as dimensões do ser.



O Espelho pode ser visto como uma representação das dificuldades enfrentadas por um indivíduo que luta para alcançar a liberdade de espírito descrita por Hegel. A introspecção e a autoimagem distorcida do protagonista evidenciam os obstáculos internos que devem ser superados para alcançar uma verdadeira compreensão e realização dentro da ordem social e moral.

## 5 CONCLUSÃO

Pensar a filosofia hegeliana é pensar a compreensão do todo, pois ser é conhecer. Seus conceitos estão imbricados dentro de uma lógica, de um sistema. Este contempla o todo. Assim, o professor Hegel pontua que existe um desdobrar do espírito absoluto na humanidade, sendo que este tem um direcionamento intencional, ou seja, uma teleologia. A intenção do Espírito absoluto é atingir a liberdade.

Fazendo um convite à filosofia, optamos por direcionar a compreensão da dialética de Hegel, por meio do conto *O Espelho* de Machado de Assis, onde quatro personagens dão ouvidos a um quinto, este que é mais casmurro, sisudo, pontua que todo ser humano ao invés de uma, possui na verdade duas almas. Uma que está no nosso interior, em que conversamos com ela constantemente, e uma alma exterior, que seria nosso ego, que se preenche a partir dos papéis sociais dos quais vamos construindo no desenvolver de nossa existência.

A analogia se deu a partir do momento que notamos essa dualidade do ser humano, que movido pelas duas almas, percebe que está inserido em uma sociedade, está é expressão da cultura, sendo assim, o seu primeiro desenvolver do espírito, o que chamamos no artigo de espírito subjetivo. A sua objetivação, como conceito se dá a partir do momento que tomamos conta de quem somos, a partir de nosso nome, família, cultura, e papéis sociais, sendo que desenvolvemos um espírito subjetivo.

A compreensão da dualidade de alma nos mostra a possibilidade de compreendermos o todo. No conto, Jacobina tem receio, talvez medo de conhecer aquela alma interna, e esta é pressionada pela sociedade a esconder-se, pois o que vale é a alma externa, como os outros veem o personagem, ou seja, seu status, o alferes. Mas, isso não seria o conhecimento de si, mas o conhecimento fragmentado, no sentido de que não somos apenas as representações sociais, desta forma é necessário o conhecimento também da alma interna. O que Hegel faz é justamente provocar em sua filosofia este olhar para a percepção do espírito absoluto, pois este visa a liberdade.

*O Espelho* de Machado de Assis é mais do que um simples objeto; ele é uma ferramenta que revela a complexidade do espírito humano. Ele expõe as fissuras na identidade e a desconexão entre o eu idealizado e o eu real. A crise de identidade enfrentada pelo protagonista ilustra as dificuldades do espírito em alcançar uma compreensão coerente e satisfatória de si mesmo. Assim, o conto oferece uma reflexão profunda sobre a natureza do espírito, a consciência e a identidade, desafiando o leitor a considerar as múltiplas camadas da experiência humana e a busca de um sentido verdadeiro de self.



## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução de J. Tricot. Paris: Vrin, 1982.

**Alferes.** Dicionário Aurélio on-line. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alferes/>. Acessado em 10 de maio de 2024.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1994. v. II.

HEGEL, G. W. F. **Carta a Niethammer, de 13 de outubro de 1806**. In: Briefe von und an Hegel. Editado por J. Hoffmeister, Vol. 1, Hamburgo: Felix Meiner Verlag GmbH, 1952

HEGEL, G. W. F. **Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado em Compêndio**. Trad. de Paulo Meneses (et.al.). São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Aulas sobre filosofia da história**, obras 12. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970 [f]

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Palestras sobre História da Filosofia I**, Obras 18. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970 [g]

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Escritos de Nuremberg e Heidelberg, obras 4**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1970 [j]

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas III**. A filosofia do Espírito. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995 [c].

VAZ, Henrique C. de Lima. **A significação da Fenomenologia do Espírito**. In: Hegel, Georg W. Fenomenologia do Espírito. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.